

# ACAJÁ

JORNAL DE INSTRUÇÃO E RECREIO.

O progresso da intelligencia é infallivel havendo liberdade de fallar, escrever e publicar o que pensamos.

MARQUEZ DE MARICÁ.

Anno I

Sexta-feira 15 de Março de 1861.

N. 9

## ACAJÁ.

No mundo jornalístico-litterario, acaba de surgir mais um vivente o — *Hemerodromo da Juventude*. —

O recém-nascido appareceu-nos enfaixado nos mais bellos e variegados estofos; oxalá pois que em breve os dispa, para trajar as vestes da adolescencia.

E' mais uma tentativa litteraria; prova de que a nossa litteratura vai tomando desmedido incremento; e é mais um esforço da mocidade brasileira, que mais que nunca tem-se entregado com tanto affan ao estudo das letras patrias.

Praza aos céos que essa effervescencia não se desvaneça, o que sirva de incentivo á novas empresas no mesmo genero.

Não deixamos de exultar de jubilo, quando alongamos a nossa vista pelo campo das letras, e a prova está no que vamos referir.

No curto espaço de oito mezes temos visto sahir do prélo, e serem lançados no solo litterario os seguintes periodicos:

*Album Litterario, Esforço Juvenil, Acajá, Semana Illustrada, Jaguarary, A primavera, Hemerodromo da Juventude*, etc. E não será isto uma demonstração, muito pronunciada do progresso da litteratura? Não será isto uma revelação grandiosa das tendencias litterarias da mociedade brasileira? Cremos que sim!

Mas... muito tememos pelo futuro.

Tudo tem a sua phase, a sua época; e quem nos diz que seja esta a época das tentativas litte-

riarias, que amanhã estarião sepultas no pó do desanimo?

Veremos....

Ao *Hemerodromo da Juventude* enviamos os nossos emboras; e testificamos-lhe todas as nossas sympathias, almejando-lhe ao mesmo tempo um brilhante porvir.

A estrada é arida e escabrosa, mas tem oásis; cumpre não esmorecer em meio da caminhada, e seguir os seus irmãos que pouco avante também caminhão corajosos.



## PERFIS THEATRAES.

### TRAÇOS CRITICOS LITTERARIOS.

(Continuado do n.º precedentc.)

II.

EMPRESA DE-GIOVANI.

Já o dissemos: a arte é a phenix que renasce das proprias cinzas—caminhante do progresso, tendo por bussola o dedo do Senhor, corre em demanda da perfectibilidade, termo de sua jornada.

Dá-se um facto.

Na litteratura, assim como no systema politico das nações, apparecem grandes revoluções.

Ainda ha bem pouco tempo a poesia não era mais do que a fabula insipida e tosea—rúa de sentimento, rica das velhas e carunchosas imagens da mythologia, ou dos monotonos suspiros dos pastores da velha Arcadia. Appareceu a reforma proclamada—em França por A. de Lamartine—o bardo ungido das *Harmonias Religiosas*; em Portugal—pelo visconde de Almeida Garrett, o remocado trovador das *Folhas Cahidas*; no Brasil por G. Dias o *Homero* dos Timbyras.

A biblia tornou-se então a fonte exclusiva,

onde os eleitos do Senhor vão heber as lymphas da inspiração.

Assim vae succedendo na litteratura dramatica.

O dramaturgo até agora nutria-se e vivia do passado.

Eramos espectadores das façanhas buliçosas do cabo de guerra, que no torvelinho das lutas manejava a espada formidavel com a fanfarronice de um *D. Quichote*, sob cujo golpe abrião-se de meio á meio centenares e centenares de cabeças inimigas ainda quando sumidas sob a espessura do capuceo. Assistiamos aos desvarios do rei tyranno ou effeminado—que convertia o throno no prostibulo da concupiscencia ou no poste do despotismo; e os altos pensamentos, que devião de ajeitar em redor da fronte da magestade, erão absorvidos pelos beijos das *Dubarrys* devassas, ou afogados nos deluvios de sangue da victima que abraçara o supedaneo do throno implorando debalde compaixão.

A inquisição vinha tambem, por seu turno, apresentar-se a nossos olhos com seus *autos do Jé*. O paladino da idade média, chamado para o campo da guerra á conquista do Santo sepulchro—viamos tambem em scena, quasi sempre de volta das batalhas, occupado em pedir ao coração da amante, que perjuro, contas do juramento prestado sobre a cruz de sua espada, e (repetida coincidência!) sempre o drama acabava por uma punhalada de *Othelo* no peito de *Desdemona*!

Palavia de honra!—A menina nervosa que assistia de seu camarote a um desses espectaculos—soffria incontinentemente—algun *faniquito*, e voltava (coitadinha!) para casa á sonhar com os horrores do drama.

O actor, obedecendo ou desobedecendo ao author, tornava-se tempestuoso e frenetico—como se naquelles tempos os homens fallassem mais alto que nós, ou tão alto como as catadupas do *Niagara* ou as cachoeiras do Paulo Affonso.

O actor, quanto mais tempestuoso e frenetico, quanto mais hediondo tornava o gesto—tanto mais do espectador recebia ovações e a competente chuva de palmas!

Felizmente as procellosas tragedias que tanto terror incutião na menina nervosa, vão sendo pouco e pouco substituidas pelos dramas da actualidade e os estrepitosos actores, pelos Furtado Coelho e Joaquim Augusto.—

E' que a arte, sempre de viagem para o seu aperfeicoamento, não descança um minuto: caminhar caminha sem parar.

—Ao numero dos proselytos da nova escola dramatica pertence o Sr. De-Giovani negar-l'ho seria uma injustiça clamorosa.

Filho da escola classica, soldado intelligente

de suas fleiras—esforçou-se com esmero o artista para amoldar-se aos preceitos da nova.

Empresario ha bem pouco tempo do Theatro de S. Januario, o Sr. De-Giovani devera de tomar como norma da fundação de sua empresa—o Gymnasio Dramatico.

Infelizmente alli ainda se ensaião dramas classicos, de pessimo effeito em scena, acompanhados de curtas farças e *vaudevilles*, que escandalizão um pouco a sensatez do espectador pacato.

O seu repertorio é uma estanto vasia, como a do estudante vadio.—Ultimamente o drama—*Justiça* faz as delicias deste Theatro.

E' um trabalho imperfeito e sem merito algum.—Seu author quiz por força estreitar em dous actos um pensamento largo—que suspirava menos limitada esphera. O desenlace do drama torna-se desagradavel pelo derramamento de sangue, absolutamente desnecessario.

E' pena, comtudo, que o Sr. De-Giovani não tivesse feito melhor seleccão de actores para sua empresa. A' excepção da Sra. Montani—não ha alli mais um artista que mereça as honras da nossa censura. Todos elles não passão de improvisados histriões de *entremozes*—vestidos á pressa conforme o seu gosto, que apparecem em scena não impellidos pelo amor da arte ou estímulo da gloria, senão pelas palpitantes necessidades da vida.

E no entanto—são estes mesmos actores applaudidos e chamados ao proscenio por meia duzia de moços *desinquietsos e bulhentos*, na phrase do judicioso chronista da *Revista Popular*.

Note-se, porém, que assim nos exprimimos sem tenção alguma de ferir alheias susceptibilidades; dizemos o que sentimos. Temos o orgulho de não mentir á consciencia—embalauçando os thuribulos da lisonja nas aras profanas do erro. Somos francos.—Ja que fallamos na Sra. Jesuina Montani, é-nos impossivel deixar de cahir d'alma uma interjeição de enthusiasmo em favor desta excellente e sympathica atriz que ha sido tão mercedamente applaudida.

Não ha negal-o.

Um dos melhores predicados do actor, pelo menos o que predispõe o publico a seu favor e saber conquistar a sympathia deste. E' por isso que em torno da fronte de João Caetano resplandece essa immensa aureola de gloria, que em verdade não é de todo immerecida.

E' de lamentar que a artista não tenha abandonado certos defeitos que a escola classica lhe herdara.

Emquanto a declamatoria não for para sempre abolida daquello theatro e seus actores não se ressentirem mais deste grande defeito, por muito caprichoso que seja—ha de alli o artista

intelligente impregnar-se de vícios e defeitos enormes.

Nota-se na Sra. Montani a frequencia dos accionados com a mão esquerda—habito ou como quer que lhe chamem—que podia sem esforço algum ser abandonado. Mas isto não ensombra os fulgores do seu talento artistico—; é o—*quando qui bonus dormitat Homerus*, que se verifica na nossa actriz.

Vamos concluir.

Antes, porém, força é pedirmos ao Sr. De-Giovani, que a bem da arte que professa e da empresa que tem á seus hombros, se esforce o mais que puder pelo engrandecimento della; já fazendo uma selecção de inços habeis e intelligentes, já excluindo da sua companhia, actores estacionarios e retrogrados—sem estímulo e sem amor á gloria.

JOSE' MARIA.

(Continúa).



## UMA HISTORIA DE HONTEM.

(Conclusão.)

### IV

Quem era Leonor? Como enganava ella seu amante? Talvez o perguntem meus leitores, porém eu já os satisfarei.

Leonor, era uma messalina que ajudada pela sciencia soube occultar a Augusto, o que um amante mais deseja encontrar n'aquella que ama a—virgindade.

Leonor, não era tal qual pensava Augusto, foi casada outr'ora e manchou o leito de seu marido como o fez a antiga Imperatriz Romana. Cançado este de supportar tantas infamias lançou-a fóra de seu tecto, o que ella muito estimou, deixando uma filhinha em seu poder, quem sabe se fructo de suas infamias.

Livre dos laços que a pendião a seu marido, entregou-se á turba que esperava pela nova Cleopatra. Tornou-se uma mulher devassa, uma perdida, recebia de uns o premio da infamia, de outros o incenso transitorio que se tributa ás loureiras, e de quasi todos o escarneo depois de consummados seus desejos. Ella era bella, e tinha desenove annos por isso achava quem lhe incensasse seus pés com os pivêtes collidos no paul do mundo.

Ella vira Augusto, e buscou illudit-o, por elle não a conhecer. Tornou-se depois indifferente, porque havia apparecido aquelle que outr'ora já havia gasto algumas moedas, e que com falsas promessas pretendia agora requintal-a mais na perdição.

E Augusto tudo ignorava.

Suppunha-a uma pobre orfã, virgem, que buscava na sagrada união um consolo para seu futuro.

Ella enganou, e elle creio na sua industria.

Levado pelo amor não quoria crer no que muitas vezes lhe bradava a consciencia, ouvia o coração e fechava os ouvidos aos brados da razão.

E quem o não faria? Pobre moço sem conhecimento do mundo, deixou-se levar pela corrente, sem reparar no abyssmo que tinha a sous pés.

E ella até a ultima vez que estiverão juntos enganou-o. Já aborrecida de seus carinhos, tratou de o afastar de si, mesmo por ter chegado aquelle que ella tão sem denodo tambem enganava. O que ella fazia a Augusto, fazia-o a outro e assim vivia sem moral e sem religião, ainda que em alguns momentos se vissem em seus labios algumas orações.

Ella era qual Margarida Gautier, á excepção de ser ainda mais impura.

E Augusto, fazendo mil castellos em Hespanha, habitava no maior dos enganos que pode armar uma messalina.

Pobre e inexperiente mancebo julgava colher flores quando os espinhos lhe tocavão o coração sem o sentir!...

### V

Em uma das nossas tardes calmas do mez de Outubro, achava-se Augusto em casa de Leonor, mas esta havia-se occultado, e elle ouvia uma narração da companheira que ella tinha em casa, que para elle passava por ser sua mãe.

Eis o que dizia essa mulher:

— Sr. Augusto, Leonor não se achando com animo de revelar-lhe o que tem sido para o Sr. um segredo, incumbio-me d'essa missão. Leonor não é minha filha...

— Que me dizeis?! disse Augusto admirado.

— Escutai Sr. A causa da tristeza e indifferentismo em Leonor é porque ha duas semanas chegou aquelle a quem ella ama...

— Não abuseis da minha bondade...

— Fallo Sr., a verdade. Leonor, vive fóra de seu marido e para ganhar o pão de cada dia busca nos prazeres do mundo o alimento.

— Oh! isto é um sonho... ou um delirio?!..

— Escutai: não tendo ella animo, pedio para dizer-vos que de ora avante não mais aqui venhais para não haver alguma scena desagradavel entre o Sr. e o seu amante.

— Ah! hei de vingar-me!... tanta perfidia, tanta infamia em um ente que parecia ser tão puro.

— Sr., peço-lhe agora que se retire.

— Eu me retiro, porém quero vê-la antes.

N'este momento appareceu Leonor com o sorri-

so nos lábios. Augusto mette as mãos em uma das algibeiras da qual tira uma carteira cheia de notas, e arremessa-a aos pés de Leonor dizendo:

— Eis, mulher, o preço de algumas horas de prazer que tive junto a ti. Não busco vingar-me, porque não deve um homem vingar-se d'um ente abjecto; porém, quero que algum dia lembres-te de mim e só essa lembrança bastará para roer-te, mulher, os remorsos se d'elles fores digna! Algum dia talvez ainda te compre uma hora de prazeres; porque só o dinheiro te move, mescalina!...

Leonor de cabeça baixa ouvia o que dizia Augusto.

— Agora retiro-me, entrego-te ao desprezo e ao escarneio do mundo. Veremos qual será o teu fim, quando estiveres moribunda no leito de um hospital então me verás, para recordar-te aquellas horas de enganos que passámos. Bem me dizia o coração, bem me presagiu a coruja, que fune-to havia de ser para mim esse amor que ainda alento no peito, e que farei por suffocá-lo: porém Deus se encarregará de fazer justiça e de dar-te o premio que mereces. Tens o ferrete da infancia estampado no teu rosto, e os seus traços são indeleveis! Quando algum dia, se escapares do termo fatal de todos, — o hospital, — e quizeres fugir arrependida para occultares a tua vergonha, aquelles mesmos que hoje inceasão teus pés, esses serão os primeiros que hão de lançar-te em rosto, a tua infamia. Quando velha estenderes a mirrada dextra mendigando o pão, elles fugirão de ti e dirão: eis abi uma perdida, fugi que a sua lepra é contagiosa!... Os moços de então acabrunhar-te-hão de escarneio e terás de occultar a tua vergonha no fundo de algum asylo. O teu corpo não será digno das honras de uma sepultura e terás os teus ultimos despojos confusos na valla da miseria e do esquecimento. Lembra-te, mulher, que a mocidade passa, a saude gasta-se e a morte é inevitavel. Arrepende-te que ainda é tempo, foge dessa senda que te leva ao precipicio e depois não me maldirás. Adeus, Leonor, ainda um dia eu verei teu arrependimento.

Ao dizer estas palavras, Augusto retirou-se. Passados alguns dias recebia o hospital da Praia Vermelha mais um alienado, que era Augusto.

Leonor talvez que tenha o mesmo fim que lhe nateinou Augusto.

Veremos.

J. BARBOSA RODRIGUES.

## PORQUE TÃO TRISTE.

Porque tão triste oh! mancebo, te vejo procurar os sitios ermos, os bosques de densas folhagens?...

Porque tão triste te vais sentar á borda do regato que alli serpêa e cujo murmurio suave parece fallar-te com a alma?..

Porque tão triste contemplas os mil peixinhos dourados, que brincando com as aguas e dando mil voltas, se occultão a teus olhos?...

Porque tão triste escutas o mavioso sabiá, que pulando de ramo em ramo entõa seu canto sonôro?....

Porque tão triste suspiras quando vês a innocente rolinha acariciar seu fiel companheiro?...

Porque tão triste observas o bello panorama que ante ti se desdobra, quando sobes á montanha?...

Porque tão triste ficas quando a ingenua creancinha entre-abrindo seus deigados labios de coral te sorri?....

Porque tão triste te pões a scismar ao clarão pallido e frouxo da lua, quando até a propria natureza parece que dorme?!

Acaso perdeste os ternos carinhos de uma mã extremosa? ou então os affectos sinceros de uma irmã querida te forão roubados? Ou a deserença, esse veneno subtil e sempre fatal, innocular-se-hia em teu coração ainda tão joven?!

— Não! teu soffrer é outro. — Tu amas, e receias ser repellido por—Ella.—

Não desamines mancebo e.... espera!....

E. B.

## LYRIOS E ROSAS.

A CARLOS PINHEIRO.

I.

BEIJOS.

‡

Lembras te Emilia?

Era uma linda noite de luar, as estrellas do firmamento offuscadas pe'a claridade da *Rainha da Noite*, derramavão—a medo—sobre a terra, a sua luz doce e melancolica; a brisa gemia pelos ramos dos coqueiros, e tu, recostada sobre meu seio, dormias ao som monotono das cascatas da nossa terra o sommo brando e suave dos innocentes.

‡

E como eras assim tão linda!

A tua fronte alva como jaspe, coroada de cabellos cõr de ouro, repousava no meu braço, e o teu seio—fonte de pureza e amor—arfava sob o flô que de leve o encobria.

E eras assim muito linda! minha Emilia.

§

Assim passarão-se algumas horas, sem que uma nuvem de tristeza viesse enrugarte a fronte,—sem que um máo pensamento, fizesse fran-zir os teus lábios purpurinos. Eu contemplava-te extasiado por que nesse momento, Emilia, não eras uma creatura da terra, não; nesse momento, eras uma santa aquem eu devera adorar de joelhos!

§

De repente acordaste;—abriste as palpebras e mostraste os teus lindos olhos azues r. dantes de amor. A primeira palavra que assomou á flor dos teus lábios foi o meu nome. «Eugeniol» murmuraste. E tu o pronunciaste tão docemente, que não podendo conter-me, cobri de soffregos beijos o teu rosto de archanjo! Então, enlevada—, cheia de amor olhaste-me e sorrísteme; porque comprehendias quanto amor eu te dava n'aquelles beijos!

§

E foi n'uma noite de luar;—a brisa suspirava anhelante pelas folhas dos coqueiros; e lá sobre um banco da relva, sem testemunhas, eu tinha-te ao collo a dormir, sem que tivesse o pensamento de server-te a pureza, por que tu eras uma santa, e o nosso amor era puro como os lyrios e rosas do prado!

Lembras-te Emilia?

Pois é essa noite a mais bella pagina da minha vida, e esses beijos, os unicos carinhos de amor que pude guardar como lembrança no fundo do meu coração!

ALMEIDA AZAMBUJA.

## POESIAS.

### EU A VI.

Eu a vi — era bella... tão bella,  
Qual de Venus a linda figura.  
Eu a vi — era um anjo tão meigo....  
Esse lindo primor da natura!

Eu a vi — mas ao longe mui longe  
Na janella sosinha a pensar;  
Seus olhinhos tão negros tão bellos,  
Se fitavão nas ondas do mar.

E assim era bella — mais bella  
Que a madona senhora do mundo;  
E assim era linda mais linda,  
Que do mar lindas per'las do fundo.

Quanto eu dera p'ra vel-a de perto  
Um minuto, um segundo se quer?  
Quanto eu dera p'ra tel-a em meus braços  
Esse ento, esse anjo — mulher?!

Mesmo ao longe meus olhos nos della,  
Um embate amoroso soffrerão;  
E as scentellas que o embate ferira  
Um abrigo em meu peito tiverão.

11 de Setembro de 1860.

SILVIO RANGEL.

## RECORDAÇÃO.

I

Ai! meu Deos uma gôta de pranto  
Uma só—não se poisa em meu cilio;  
Nem na mente burbulhão-me os fogos  
Que inspirarão Petrarcha e Virgilio.  
Quem me pôde trazer esperanças,  
Esperanças na terra do exilio?

Eu cantei mas meu canto foi triste  
Como o arrulho de casta pombinha,  
Como o vento que geme tristonho  
Sobre o cimo da vaga marinha;  
—Uma nota de amores sagrados  
Pelos ares perdida á noitinha!

Eu amei: mas meus castos amores  
Forão cinzas lançadas aos ventos.  
Eu cantei: mas meus cantos, meus hymnos,  
O que forão? tristonhos lamentos.  
Da minha fugio a esperança,  
N'alma tenho mortaes desalentos

II

Ai! gemi como geme o pampeiro,  
Que nas azas a planta arrancou;  
Como um grito de triste araponga  
Que em desertos—deserto sou.  
Os meus cantos, meus tristes gemidos  
Ai! ninguém, ai! ninguém escutou!

Ai! que vida deserto de amores!  
Quero prantos, não posso chorar!  
Eu não sou uma flor em que orvalhos  
Pela noite viessem beijar.  
Sou um orfão de amores—qual lua  
Que se espelha sósinha no mar!

A minh'alma era virgem innocente  
Dormitando n'um berço infantil;  
Estrellinha que meiga brilhava  
N'outras noites rissonhas d'abril.  
A minh'alma era um berço de flores,  
Uma flor dos jardins do Brasil.

Ai ! meu Deos só tu pódés à quelle  
Que na terra passou qual visão,  
Sobre as azas da verde esperança,  
O mandar-lhe esperanças então.  
Pois que um peito que treme de amores,  
Tem de amorés suave condão.

## III

Ai ! meu Deos uma gôta de pranto  
Uma só não se poisa em meu cílio ;  
A minha harpa não canta de amores,  
Como outr'ora Petrarcha e Virgilio.  
Dá que encontre na espraça a ventura,  
Na ventura—teu magico auxilio.

30 de Agosto 1859,

A. CUNHA.

## A ESCRAVIDÃO.

AO MEU AMIGO F. T. LEITÃO.

A escravidão é um canero que car-  
come nossa patria, que lhe tem en-  
venenado a seiva e degenerado as  
aspirações.

DR. COELHO MAGALHÃES.

## I

Os povos ignorantes da antiguidade, d'entre os innumerados prejuizos, com que caracterisarão as épocas do primitivo socialismo, nota-se o systema da escravidão, ou a superioridade e imperio de uns para outros homens ; principios mil vezes funesto, que graças a civilização dos povos vai desaparecendo das nações cultas, sendo a lastimar que ainda haja no globo paiz que admitta no seu seio, o germen envenenador da liberdade humana, verdadeiro tumulto dos grandes sentimentos, ou freio mil vezes selvagem ás livres manifestações do pensamento humano que se abate e até desaparece quasi, ante o fantasma ediondo da tyrannia.—O Brasil, vasta região do continente americano, o paiz das florestas virgens por excellencia, tem sido d'entre os estados do mundo um dos que mais tem soffrido com esse commercio tão infame quanto illicito de carne humana, graças ao funesto lugar que occupou durante mais de trez seculos, —Portugal, o paiz que no seculo XVI seria capaz das maiores barbaridades e conquistas contra os paizes estrangeiros, suppondo que essas conquistas e acções farião o engrandecimento da corôa portugueza ; — foi o primeiro que inspirado por um espirito diabolico, quiz polluir o

solo virgem da terra da Santa-Cruz, com as lagrimas de dor dos pobres filhos da inhospita Africa, que ainda vagueião miserandos pelo mundo, tendo escripto na fronte a palavra mil vezes infernal — escravidão !

Com que direito rouba-se assim, os filhos ás mãis, os irmãos ás irmãs, os pais aos filhos ? Que direito natural permite essa superioridade de raças umas sobre outras, só differentes em cores ? Com que principios religiosos abate-se assim a liberdade humana, escravizando-se homens nossos irmãos, em tudo nossos iguaes perante Deos, lançando-os no abysmo do servilismo ?

A religião do martyr do Golgotha repelle todos esses delirios dos legisladores do mundo, porque a igualdade dos homens, e a confraternização dos povos, forão sublimes preceitos da divina religião de Jesus Christo.

Entretanto os governos que durante trez seculos imperarão na peninsula Iberica, fizerão do Brasil, o paiz importador dos Africanos livres, que n'um momento de tyrannia erão reduzidos á escravos, ou antes á membros de uma classe onde as luzes da civilização não penetrão, onde se desconhecem os preceitos do christianismo, onde não brota se quer a liberdade do pensamento !

Realmente pasma vêr-se até que ponto tem chegado a corrupção da raça humana, que tem reduzido á escravos, homens livres como as ondas do mar ; só por sua cor e ignorancia !...

Não pretendemos tratar de um assumpto novo, carregamos o obolo de nossa opinião livre, para deposital-o no banquetete da igualdade ! Já em 1824, uma voz poderosa se fez ouvir na — Assemblêa Constituinte, — mas ficou solitaria como um barquinho no grande oceano. O interesse particular dominava na época, e a palavra respeitavel de José Bonifacio (pois era elle) perdeu-se no grande recinto da camara nacional ! A' um projecto de lei que o mesmo vulto apresentára á Constituinte, — acompanha uma representação, em que o patriarcha da Independencia patentea ainda uma vez o grande talento que possuia, e o sentimento de grande humanidade que o caracterisava. Em um periodo d'essa representação, exclama seu auctor cheio de indignação : « Se os negros são homens como nós, e não formão uma especie de brutos animaes ; se sentem e pensão como nós, que quadro de dor e de miseria não apresentam elles á imaginação de qualquer homem sensivel e christão ? »

## II.

*O mundo marcha !* A civilização dos povos caminha, e á geração moderna compete ir abolindo todos esses costumes da velha usança, e prodigalisar aos filhos do seculo XIX, os costumes

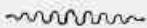
que coadunão com a época e a illustração dos espiritos. O Brasil herdou grandes e graves prejuizos da monarchia Portugueza, que devem ser illiminados do quadro de nossos usos. A America é essencialmente livre, e a escravidão no seu solo, é uma semente que não brota, é uma palavra condemnada por todas as bocas, desde o berço até o tumulo, ou antes um germen envenenador, que pouco a pouco nos vai conduzindo á um cataclysmo, que prejudicará bastante os interesses das nações e a paz que deve reinar entre os homem.

A superioridade de condicção é inadmissivel no seculo que tem inventado o vapor e a elletre cidade, salva a superioridade pelas virtudes e talentos. O genero humano é uma irmandade, que deve ser regida pelas mesmas leis de liberdade, sem o que a vida torna-se uma completa vegetação, e um homem será para outro mais odioso que aos povos cultos os animaes ferozes que vagão pelos desertos.

Portanto, a escravidão na presente época é uma irrisão, que não deve continuar a permancer, escarnecendo dos obreiros da civilisação.

Rio de Janeiro 5 de Março de 1861.

AMÉRICO BRASILEIRO.



## UMA VICTIMA DO AMOR.

(Continuado do n. 8.)

— E já a viste? perguntou Henrique.  
 — Não, disse Carlos suspirando, mas espero vê-la hoje. Esta lembrança sómente faz melhorar o meu mal.  
 — Cuidado Carlos, talvez que a impressão que tens de soffrer ao vê-la, te peiore...cuidado!  
 — Não te afflijas, Henrique, estou muito melhor, e a presença d'ella será como que um balsamo que virá restabelecer-me.  
 — Receio muito o contrario, é só o que te digo; disse Henrique levantando-se.  
 — Aonde vais? perguntou Carlos.  
 — Vou-me embora, tenho muito que fazer hoje. Amanhã virei ver-te.  
 — Adeos, Henrique, não te esqueças de vir cedo, quero contar-te o resultado do que fallamos ha pouco.  
 — Sim. Adeos; disse Henrique, e sahio do quarto.  
 Depois que Henrique sahio, entrou D. Maria.  
 — Senhor Carlos, venho saber se lhe posso fazer a apresentação de meu futuro genro. O Sr. ainda o não conhece...

— Se assim lhe apraz, muito me honrará minha senhora.

— Entra, Julio, disse D. Maria. Apresento-te o nosso doente, o Sr. Carlos, filho do nosso intimo amigo o Barão de S. Francisco.

— Senhor... folgo muito em ter a honra de conhece-lo.

— O jubilo que sinto, não é menos intenso, Sr. Julio.

— Como se acha Sr. Carlos?

— Consideravelmente melhor, Sr. Julio, graças a Deos e á Sra. D. Maria.

— Não gosto de ouvi-lo fallar assim Sr. Carlos; porque Deos se agastará comigo. A elle é que o Sr. deve agradecer as melhoras que experimenta, porque d'elle é que tudo depende.

— Bem, minha senhora, não procurarei desgosta-la mais com meus sinceros agradecimentos; mas o que jamais deixarei de conservar em minha alma, é o meu eterno reconhecimento pelo cuidado com que tenho sido tratado.

N'este momento ouviu-se o melifluo som de uma voz ce'este.

Era Emilia chamando por D. Maria.

— Minha mãe!

— O que é Emilia?

— Desejava fallar-lhe...

— Entra, o Sr. Carlos dá licença.

Carlos teve um sobresalto.

Emilia entrou no quarto toda enleada, e dando com os olhos em Carlos não deixou de chamar a sua reminiscencia; porque notára, apesar das cadavericas feições do doente, alguma parecença com quem quer que fosse.

— Senhor... balbuciou ella apenas.

— Minha senhora ....respondeo Carlos com o mesmo acanhamento.

— Menina, disse D. Maria, este senhor é filho do Barão de S. Francisco, de quem muitas vezes tê tenho fallado; portanto, d'ora em diante será considerado pessoa de casa.

— Sim, minha mãe, respondeo Emilia sem olhar para Carlos.

— Mas que querias comigo Emilia?

— Ah! já me não lembrava.

— Estas senhoras são muito esquecidas, disse Julio sorrindo-se, a Carlos.

—...Desejava que a mamã viesse comigo.

— Para que, disse D. Maria.

— Para escolhermos alguma coisa, das bonitas que traz um italiano que espera pela senhora.

— Vamos, façamos a vontade á menina. Vem com nosco Julio?

— Sim, minha tia, Sr. Carlos até logo.

— Sr. Julio.....agradecido pela visita.

— Não tem de que senhor...

— Até logo Sr. Carlos, disse D. Maria apertando-lhe a mão. Menina aperte a mão do nosso amigo o Sr. Carlos.

E Emilia aproximou-se do leito de Carlos com os olhos baixos. Ergueo-os quando se achou junto do leito, deo a mão a apertar a Carlos, que serrou-a estreitamente contra as suas, murmurando baixinho: Já se não lembra de mim?

Emilia fitou Carlos com esse olhar penetrante de quem quer prescrever o segredo de alguma coisa, e colligindo todos os seus pensamentos, deixou escapar uma exclamação, que não foi ouvida por D. Maria, porque ella já não estava no quarto, e retirou-se bruscamente.

— Ella conheço-me ! disse Carlos com sigo. Quem sabe se ainda me poderá amar.

Oito dias depois já Carlos se achava de pé ; dava pequenos passeios pelo jardim, ora com D. Maria ou Julio, e ora só.

Durante quatro dias que estivera ainda de cama depois do dia em que Julio lhe foi apresentado, nunca mais elle tornára a ver a bella pallida.

Ella pretextava sempre alguma coisa quando era convidada a visitar o doente, e assim se esquivava de vel-o ; porque julgava ella que vel-o seria um crime, ou um sacrilegio, pois amava Julio com quem estava proxima a casar-se, e não poderia por isso, apresentar-se diante de um homem que tambem a amava, e que ella não deixava de sentir tambem que o viria a amar se continuasse a ve-lo e a fallar-lhe, porque na verdade elle era mais bello que Julio.

Esses quatro dias, para Carlos, forão quatro annos. Qualquer ruido que elle ouvia, já tomava pelo andar de Emilia, e sempre se contrariava quando reconhecia a sua illusão.

Henrique ia sempre visita-lo, e não cessava de recommendar-lhe — cuidado !

No fim do quarto dia Carlos fez a sua primeira sahida do quarto em que se achava, e ancioso por encontrar-se com Emilia teve o desprazer de ouvir dizer que ella se achava um tanto incommodada. Resignou-se pois, e esperou que o dia seguinte raiasse mais bonançoso.

Como no dia antecedente lhe disserão o mesmo.

Não podendo conter-se, deo um longo suspiro, e recolheu-se a seu quarto.

No setimo dia, elle acordou mais cedo qua do costume, e tendo obtido no dia antecedente permissão do medico que todos os dias o visitava, dirigio-se para o jardim.

Ainda todos dormião, erão cinco horas.

Durante uma hora passeiou elle pelo jardim, ora contemplando o beijaflor adejando em torno dos arbustos ; ora aspirando o perfume das flores ; ora embellido em profundas meditações ; até que sentio o ruido de uma janella que se abria, e, erguendo os olhos em direcção a ella, deparou com Emilia, a quem fez em comprimen-

to, cheio de graça, e que foi correspondido com tanto ou mais ademan.

Emilia estava vestida com um penteador mais alvo que os gelos do norte, seus cabellos annelados cahião-lhe negligentemente sobre as espaldas, suas faces estavam mais pallidas que nunca, e fazião recordar as bellas madonas de Raphael. Era uma emanação etherea, era um anjinho do céu ; não era uma mulher !

Carlos ficou suspenso, sem poder proferir uma só palavra, extasiado emfim diante de tanta belleza e graça.

A perturbação de Emilia não foi menor, pois instantes após ter assemado á janella, retirou-se, deixando Carlos além de extasiado, bastante contrariado.

Mas como tudo tem um fim, Carlos mais uma vez se tranquillizou, e deixou-se cahir em um banco de marmore que havia em redor do reputo do jardim.

Engolphado em tristes considerações, passou elle longo tempo ; sendo subito despertado dessa especie de lethargia aos sonoros acordes do piano de Emilia, e momentos depois pelo som mavioso e terno de sua voz.

Ella assim cantava :

Não posso amar-te mancebo  
Pois já dei meu coração;  
Não procures mais amar-me  
Que eu não posso amar-te, não !

O mesmo fogo de amor,  
Como tu no peito sinto,  
Os teus olhos m'o disserão,  
E n'elles cri, eu não mintro.

Mas que queres ? é destino  
Elle devo obedecer ;  
Guarda pois o teu amor  
Para quem o merecer.

Não posso amar-te mancebo,  
Pois já dei meu coração;  
Não procures mais amar-me  
Que eu não posso amar-te, não!...

Aqui cessou o canto.

(Continúa).

As reclamações devem ser dirigidas a esta typographia.

BIO DE JANEIRO.

Typ. de Pinheiro & Comp.<sup>a</sup>, rua do Cano n. 163